

## A guerra dos jagunços: o conflito de Canudos e o sertanejo nos escritos de Afonso Arinos

---



**Flávio Raimundo Giarola**

Doutorando em História  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

### Resumo:

O presente artigo analisa as representações do escritor mineiro Afonso Arinos acerca da Guerra de Canudos e de seus protagonistas sertanejos. Por meio de artigos para o jornal monarquista *O Comércio de São Paulo* e do romance *Os jagunços*, Arinos demonstrou sua simpatia pelo jagunço e pelo seu ambiente — o sertão — e tratou o conflito de Belo Monte como o episódio de elevação do sertanejo à nacionalidade brasileira. Devido a sua adesão ao monarquismo, o autor criticou a participação do governo republicano no confronto, acusando as autoridades de não assistirem às populações sertanejas nos momentos de necessidade, o que teria contribuído para a explosão do conflito. Deste modo, Arinos buscou visualizar o episódio pela ótica dos sertanejos, justificando, em certo sentido, suas atitudes durante a guerra.

---

### Palavras-chave:

Brasil — História — Primeira República, 1889-1930  
Brasil — História — Campanha de Canudos, 1893-1897  
Arinos, Afonso, 1868-1916

Artigo surgido das reflexões acerca do pensamento nacional dos monarquistas-católicos em São Paulo, tema de tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo França Paiva e com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**A**fonso Arinos de Melo Franco nasceu em Paracatu, Minas Gerais, em 1868. Da infância até a mocidade, passou por várias cidades do interior de Minas e Goiás, fato que fora fundamental para que adquirisse uma identificação com o sertão e seus personagens. Já na sua primeira obra de repercussão nacional — *Pelo sertão* (1898) — Arinos explorou diversos aspectos dessas regiões do Brasil, como paisagens, costumes e indivíduos.

Os tropeiros, em especial, apareciam com grande frequência em seus escritos, geralmente representados como aventureiros, corajosos e destemidos. Em texto de junho de 1904, intitulado *Tropas e tropeiros*, Arinos dizia: “É decerto um dos mais simpáticos, porventura o mais interessante e característico dentre os tipos nacionais — o tropeiro”.<sup>1</sup> Figura genuinamente nacional e típica do interior, o tropeiro era tido como elemento essencial para a expansão territorial do país, responsável por salvar a “obra épica, mas efêmera, do bandeirante”, com trabalho modesto e paciente.<sup>2</sup>

O apreço pelos sertões fez com que os acontecimentos no interior baiano envolvendo os seguidores de Antônio Conselheiro e as tropas do governo republicano, entre os anos de 1896 e 1897, chamassem a atenção do autor. Como redator do impresso monarquista *O Comércio de São Paulo*, Arinos inicialmente expressou suas opiniões sobre o conflito em artigos escritos para o periódico. Posteriormente, usando o pseudônimo de Olívio Barros, publicou a novela sertaneja *Os jagunços*, divulgada sob a forma de folhetim no mesmo jornal.

Tanto os artigos quanto o romance denunciavam o massacre no sertão nordestino, mostrando os sertanejos como grandes heróis e mártires do confronto, em oposição a um governo republicano excludente. Deste modo, o presente artigo tem como objetivo discutir as representações de Canudos nos escritos do autor mineiro, destacando a positivação do sertanejo como elemento da nacionalidade e a crítica ao abandono do mesmo pela República.

1 Afonso Arinos, “Histórias e paisagens” in: *Obra completa*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 826.

2 Arinos, “Histórias e paisagens”, p. 837.

## A valorização do sertanejo e a crítica à República nos artigos de Afonso Arinos

Em 1897, Afonso Arinos fora convidado por Eduardo Prado (1860-1901) para dirigir o periódico monarquista *O Comércio de São Paulo*. Segundo Afonso Arinos de Melo Franco (sobrinho), o período em São Paulo foi a fase mais agitada da vida do autor, “a única em que ele fez política, defendendo com sinceridade e destemor, a causa perdida da restauração monárquica”.<sup>3</sup>

Em alguns artigos publicados no periódico, o autor apresentou notícias sobre o andamento do conflito na Bahia e expôs seu posicionamento sobre o desenrolar dos fatos. No texto de 1897 — *Campanha de Canudos (o epílogo da guerra)* — essas opiniões ficaram mais evidentes. O escritor descreveu o confronto como uma coisa “sombria, misteriosa, cheia de episódios dantescos; essa luta fantástica, em que a constância heroica do soldado se opôs a bravura épica do jagunço”, sendo o grande responsável pelo conflito o “desmazelo” das autoridades.<sup>4</sup> Para Arinos, os episódios de derramamento de sangue em Canudos poderiam ter sido evitados pelo “estudo escrupuloso da região em que se manifestou o singular fenômeno e pela investigação atenta do próprio fenômeno, antes de açular-se o fanatismo dos fanáticos atirando-lhes às fauces corpos de soldados”.<sup>5</sup>

Os sertanejos são vistos como vítimas de um governo cruel e irresponsável, pois, em nenhum momento os jagunços teriam tomado a ofensiva, nem depois da derrota da expedição de Moreira César,

quando lhes estava aberto o caminho da estrada de ferro. Depois, quando chegaram as forças do General Artur Oscar, durante os quatro meses de espantosa resistência, nos fins dos quais o simples bom senso indicava que era irremediável a tomada do reduto, eles não fugiram; esperaram pacientemente, que o cerco se fechasse e com ele lhe viesse a morte.<sup>6</sup>

3 Arinos de Melo Franco, Afonso, “O sertanejo Afonso Arinos” in: Afonso Arinos, *Obra completa*, p. 25.

4 Arinos, “Notas do dia” in: *Obra completa*, p. 643.

5 Arinos, “Notas do dia”, p. 645.

6 Arinos, “Notas do dia”, p. 645.

Arinos já expressava, nesse artigo, a representação que seria constante no romance *Os jagunços*: a imagem do guerrilheiro sertanejo mártir e heroico, resistente até o fim do conflito. A força da civilização vencera, mas o sertanejo teria, a partir de Canudos, mostrado sua existência para o litoral cosmopolita. Por conseguinte, o evento significava a afirmação do sertão e de seus habitantes como componentes da nacionalidade brasileira:

Até aqui, só eram brasileiros os habitantes das grandes cidades cosmopolitas do litoral; até aqui, toda a atenção dos governos e grande parte dos recursos dos cofres públicos eram empregados na imigração ou no tolo intuito de querer arremedar instituições ou costumes exóticos. O Brasil central era ignorado; se nos sertões existe uma população, dela nada conhece, dela não cura o Governo; e eis que ela surge, numa estranha e fanática manifestação de energia, afirmando sua existência e lavrando com o sangue um veementíssimo protesto contra o desprezo ou o olvido a que fora renegada. Eis um elemento com que não contaram os arquitetadores de nossas leis e de nossa organização e que surdiu agora avocando seu direito à vida.

E essa força, que assim apareceu, há de ser incorporada à nossa nacionalidade e há de entrar nesta como perpétua afirmação da mesma nacionalidade. Ela há de, assimilada pela civilização, assegurar nossa independência, impondo-nos ao respeito das nações estrangeiras.<sup>7</sup>

Desta forma, com o conflito, os sertanejos teriam se imposto diante de uma sociedade que os menospreza. Em um período onde a recém-implantada República buscava adequar a nação às concepções de progresso e civilização, o interior do Brasil aparecia como uma região em divergência com tais ideais. Os sertões mais pareciam se aproximar do atraso e da barbárie do que da modernidade desejada. Os acontecimentos de Canudos acabaram, portanto, representando a eclosão deste contraste. De um lado, o Brasil que se pretendia construir, do outro, a realidade de uma população sertaneja lutando para sobreviver em uma região árida e adversa.

Arinos tinha consciência da existência destas duas realidades apartadas do Brasil e não negava a necessidade de integrar os sertanejos à nação. Pensava que a eles deveriam ser direcionados elementos civilizadores que possibilitassem essa incorporação. No entanto, a República, movida por um desconhecimento e um desprezo da região, não conseguia

7 Arinos, "Notas do dia", p. 645-646.

promover essa integração sem a utilização da violência e do massacre dos jagunços. Deste modo, para o autor, o conflito bélico em Canudos representava a incompetência do novo governo em realizar uma modernização que incluísse, pacificamente, todos os seus elementos na nação pretendida.

Como afirma Vanderson R. P. Gaburo, para Afonso Arinos, o sertanejo precisava ser associado ao projeto nacional e não exterminado, como em Canudos. O fim trágico de Belo Monte significava a incompatibilidade do governo republicano com a realidade da nação. “Tendo pouca habilidade para compreender o surgimento de Canudos, o governo republicano teria contribuído para seu desenvolvimento quando tentou interrompê-lo, o que mostraria mais uma vez a incapacidade da República para gerenciar o país”.<sup>8</sup>

Neste sentido, a crítica de Arinos pode ser entendida tanto pelo seu apreço ao sertão e aos sertanejos e a conseqüente recusa a um massacre dessa população, que poderia ser evitado; quanto pela sua posição monarquista, que o levava à negação do projeto modernizador da República, que não inseria os “jagunços” em sua perspectiva nacional.

Arinos não foi o único intelectual monarquista a pensar na importância da inserção do sertanejo na nacionalidade brasileira. Eduardo Prado, proprietário d’*O Comércio de São Paulo*, em texto para uma série de conferências em homenagem ao tricentenário de Anchieta, afirmava a necessidade de se olhar para o caboclo enquanto elemento característico da nação. Dizia o autor:

E o caboclo é, no entanto, um homem que todos devemos admirar pela sua força e porque, afinal de contas, ele é que é o Brasil, o Brasil real, bem diferente do cosmopolismo artificial em que vivemos, nós, os habitantes desta grande cidade. Foi ele quem fez o Brasil.<sup>9</sup>

Para Prado, o caboclo era o descendente imediato do bandeirante mameluco responsável pela conquista do interior do Brasil. Por isso,

8 Vanderson Roderto Pedruzzi Gaburo, *O sertão vai virar gente: sertão e identidade nacional em Afonso Arinos*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, p. 148.

9 Eduardo Prado, “O catolicismo, a Companhia de Jesus e a colonização do Brasil” in: *III centenário do venerável Joseph de Anchieta*, Paris, Lisboa, Aillaud, 1900, p. 47.

a grandeza nacional passava pela valorização destes indivíduos. O autor também fazia uma crítica ao abandono do caboclo, vivendo na pobreza, tirando o alimento de uma terra nem sempre fértil. “Vive ali simples, rude e enérgico na sua calma, o descendente do mameluco e do índio”.<sup>10</sup> Portanto, é o indivíduo do interior o verdadeiro brasileiro, “que não se queixa, ignora e não incomoda tanto os bons quanto os maus governos e que, quando o levaram ao Paraguai, soube ali morrer pela liberdade do povo que os seus maiores outrora queriam escravizar”.<sup>11</sup>

Outro importante monarquista, Afonso Celso (1860-1939), ao referir-se aos mestiços do Brasil dizia que: “A tenacidade, a dedicação, a bravura de que são capazes os mestiços prova-o o fato de Canudos, onde, poucos e mal armados, fizeram frente a poderoso exército”.<sup>12</sup> Celso contrariava as teorias que afirmavam ser o mestiço um degenerado e racialmente inferior. Ao contrário, dizia que o “mestiço brasileiro não denota inferioridade alguma, física ou intelectual”.<sup>13</sup> Ao mesmo tempo, o autor identificava nos indivíduos do interior brasileiro, dos sertões, a essência dessa mestiçagem positiva:

São mestiços os vaqueiros, notáveis pela sobriedade e desinteresse, gozando sempre de inalterável saúde; são mestiços os canoieiros e jangadeiros do norte que, sobre toros ligeiros e mal unidos, afrontam o oceano ou as corredeiras de caudalosos rios, em longas e arrojadas excursões; são mestiços os cearenses adaptáveis aos mais rudes climas e aos mais duros labores; são mestiços os caipiras, independentes e fortes; são mestiços os gaúchos, afeitos a existência errante, vivendo em cima do cavalo, infatigáveis, de força e destreza raras, prontos à aventura, audaciosos e astutos.<sup>14</sup>

Fica evidente, portanto, que entre alguns monarquistas, o sertão e o sertanejo foram objetos de debate, percebidos como importantes peças na composição da nacionalidade brasileira. Deste modo, apesar de Afonso Arinos ter mostrado o seu interesse pelos sertões antes mesmo de ir para São Paulo, é necessário destacar que, ao chegar nessa cidade, o seu grupo de

10 Prado, “O catolicismo, a Companhia de Jesus e a colonização do Brasil”, p. 56.

11 Prado, “O catolicismo, a Companhia de Jesus e a colonização do Brasil”, p. 56.

12 Afonso Celso, *Porque me ufano do meu país*, 3. ed., Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2001, p. 114.

13 Celso, *Porque me ufano do meu país*, p. 114.

14 Celso, *Porque me ufano do meu país*, p. 114.

sociabilidade foi composto por indivíduos que, além de compartilhar as mesmas ideias políticas, tinham preocupações comuns sobre os habitantes das regiões interioranas do Brasil.

Lúcia Lippi Oliveira percebe um modelo de identidade nacional monarquista que tinha Eduardo Prado como um dos principais autores e acreditava na excelência de nossas tradições, fruto da colonização portuguesa e da ação da Igreja Católica.<sup>15</sup> Tinha repulsa ao modelo de sociedade americana, resultado da colonização inglesa e do protestantismo, e defendia a valorização do singular como símbolo da nacionalidade.<sup>16</sup> Deste modo, a exaltação do sertanejo pode ser percebida como resultado dessa preferência pelo singular, ao mesmo tempo em que funcionava como um importante mecanismo de crítica ao novo sistema político, visto que esse se mostrava incapaz de inserir as populações do interior ao corpo da nação.

Por outro lado, de acordo com Heloísa M. M. Starling, o conceito ligado à palavra sertão revela uma maneira peculiar de narrar o projeto sempre problemático da fundação nacional brasileira a partir dos confins, das margens em que se refletem e se cruzam as dúvidas sobre os dilemas da nossa formação histórica e social. A opção pela análise do sertão na literatura brasileira revela um tipo de interpretação da nação vista com um “formato político invariavelmente instável e incerto, onde os ideais normativos da República sempre ainda estão por fazer-se e a modernidade parece surgir da tensão sem resolução entre o mais moderno, o mais arcaico e seus destroços”.<sup>17</sup> Assim, Afonso Arinos pertence a uma tradição literária que procura encontrar o sentido da nação através da análise da margem, ou seja, do interior do Brasil, espaço geográfico abandonado por uma República que se diz moderna.

A esse movimento intelectual, que se destacou no Brasil nas últimas décadas do século XIX e início do XX, convencionou-se chamar de regionalismo. Segundo Luciana Murari, o olhar crescente dos intelectuais, a partir da década de 1870, para as regiões rurais e naturais expressava a procura por um Brasil profundo, que cabia compreender, assimilar ao movimento da história, à cultura e à sociedade brasileiras. “Propunha-se uma

15 Lúcia Lippi Oliveira, *A questão nacional na Primeira República*, São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 21-22.

16 Oliveira, *A questão nacional na Primeira República*, p. 23.

17 Heloísa Maria Murgel Starling, “A República e o sertão: imaginação literária e republicanismo no Brasil”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 82 (2008), p. 133-147.

nova tomada de posse da terra e de suas riquezas naturais, e o primeiro passo para tal seria reescrever a história da colonização como processo de ocupação e de inserção do homem no ambiente”.<sup>18</sup>

De acordo com Gaburo, os escritores regionalistas buscaram representar e apresentar a cultura do sertão, afirmando sua autenticidade frente às influências estrangeiras que se verificaram nas principais cidades da época, principalmente no Rio de Janeiro. O autor diz ainda que Arinos não queria reduzir todas as manifestações intelectuais brasileiras ao seu regionalismo sertanejo. “Entendia e aceitava as influências, mas acreditava na importância e na força para a construção nacional da produção da literatura regionalista, valorizando o que se achava ser uma cultura autenticamente nacional que seria a do caboclo sertanejo”.<sup>19</sup>

Em síntese, a ideia de nação enfocada nos artigos de Afonso Arinos para *O Comércio de São Paulo* relaciona sua postura política com uma tradição literária que se torna comum no período. Desta forma, as representações do autor sobre o sertão obedecem a dois itinerários: a análise do Brasil a partir do interior, inserindo essa parte do território brasileiro na nação em construção; e a crítica à República excludente, cujo projeto civilizatório não inclui as populações do sertão. Esses dois pontos também estiveram presentes na novela sertaneja *Os jagunços*.

## **O romance *Os jagunços***

Em outubro de 1897, Afonso Arinos começou a publicar, em folhetins diários d’*O Comércio de São Paulo*, seu romance sobre a campanha de Canudos — *Os jagunços*. Ao contrário de Euclides da Cunha, Arinos não participou do ambiente da guerra para compor seu enredo. Por esta razão, Oliveira Mello afirma que a primeira parte do livro é autenticamente mineira, ou seja, o autor teria colocado os costumes e as personagens do ambiente ao qual ele estava intimamente ligado.<sup>20</sup>

Ainda de acordo com Mello, Arinos teria se informado sobre a guerra de Canudos por meio das matérias de Euclides da Cunha publicadas

18 Luciana Murari, *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*, São Paulo, Alameda, 2009, p. 19.

19 Gaburo, *O sertão vai virar gente*, p. 35.

20 Oliveira Mello, *De volta ao sertão: Afonso Arinos e o regionalismo brasileiro*, 2. ed., Rio de Janeiro, Cátedra, 1981, p. 126.

em *O Estado de São Paulo*. “Sem ter estado na Bahia, no entanto procurou construir as paisagens, os panoramas e os caminhos; criou e modelou tipos bem desenhados e movimentou grupos de fanáticos”.<sup>21</sup> Contudo, sem descartar a possibilidade de Afonso Arinos ter lido os textos de Euclides da Cunha, deve-se dizer que o jornal *O Comércio de São Paulo* publicou, durante o período da guerra, informes quase diários sobre as batalhas e os acontecimentos no sertão. Sendo assim, é provável que estas notícias também tenham sido fundamentais para que o escritor mineiro escrevesse sua novela, levando em conta a atividade do mesmo como diretor do periódico.

O romance narra o conflito de Canudos e tem como protagonista o sertanejo Luís Pachola, um vaqueiro que se torna seguidor de Antônio Conselheiro. A narrativa é dividida em duas partes. A primeira transcorre na Fazenda Periperi, onde o personagem principal toma conhecimento dos seguidores de Conselheiro e se relaciona com Conceição, que acaba morta acidentalmente por Gabriel, amante não correspondido da moça. Na segunda parte, a formação de Canudos e os conflitos subsequentes são os temas principais, narrados sob a ótica de diferentes jagunços que habitavam a comunidade, entre eles Pachola, que decide acompanhar Conselheiro após a tragédia em Periperi.

Um dos elementos explorados pelo escritor em sua obra foi a proximidade entre homem e natureza nos sertões. A paisagem que aí se via era bravia, “encrespado ameaçadoramente à aproximação do homem, como uma fera acuada. Por toda a parte a terra mostra as garras dos espinhos, ou reponta os bicos dos penedos”.<sup>22</sup> Nesse território quase inóspito, apenas o jagunço conseguia sobreviver, como um elemento adaptado, parte integrante do meio:

os homens que ali morassem teriam de irmanar-se com a região. E eles se irmanaram. A eles, só a eles, as caatingas dariam acesso franco; para eles a terra seca exsudaria mananciais pelos buracos das cacimbas; para eles, os espinheiros encolheriam as garras e as escarpas baixariam o dorso. Na terra das catingas medrou o jagunço.<sup>23</sup>

21 Mello, *De volta ao sertão*, p. 146.

22 Arinos, “Os jagunços” in: *Obra completa*, p. 204.

23 Arinos, “Os jagunços”, p. 204.

Esse fator homem-natureza teria sido essencial para que os jagunços tivessem tantos êxitos sobre as tropas do governo republicano, como pode ser visto no trecho abaixo sobre uma das batalhas do conflito:

Dezenas de vezes o clarim tocou a avançar, e os soldados, tontos, alucinados, corriam desordenadamente em diferentes direções, vendo dançar-lhes diante dos olhos, como intangíveis demônios, as sombras esquivas e ameaçadoras dos jagunços. [...] Não se ouvia um grito que partisse daquelas figuras sinistras. Aos soldados eles se afiguravam inumeráveis e terríveis, porque apareciam em toda a parte e borbotavam de todos os pontos como entes invisíveis e fantásticos, seres encantados que se misturavam com todas as revoltas da natureza bravia.<sup>24</sup>

Em narrativa sobre outra batalha, o autor volta a mencionar as estratégias de guerrilha dos canudenses, utilizando o espaço contra o inimigo: “Parecia uma luta fantástica entre homens e gênios das cavernas que gozam do estranho dom da invisibilidade”.<sup>25</sup> Para Arinos, essa fusão com o território teria sido usada até os últimos momentos do confronto, favorecendo a população de Belo Monte contra o exército republicano.

Não obstante, o território hostil também fora responsável pela valentia dos sertanejos. Segundo Arinos, “quem não for valente como eles não canta, nem entoa, no meio desses sertões brasileiros”.<sup>26</sup> Isso não significava que estas regiões fossem violentas, ao contrário, dizia o escritor mineiro que, apesar da ausência de autoridade e de força, nessa parte do Brasil havia uma quantidade menor de crimes “do que numa só das nossas grandes cidades”.<sup>27</sup>

No romance, o autor insiste na questão do abandono dos sertanejos pelo governo, o que teria ajudado a impulsionar a guerra nos sertões. Para Afonso Arinos, o ódio que os jagunços alimentavam contra os representantes do governo era natural, pois deste não conheciam o mínimo benefício. “As únicas vezes que entraram em contato com o Governo foi por meio das balas e das baionetas da polícia. [...] Nas suas misérias, nunca lhes chegou lenitivo da parte do Poder”.<sup>28</sup>

24 Arinos, “Os jagunços”, p. 229 apud. Gaburo, *O sertão vai virar gente*, p. 118-119.

25 Arinos, “Os jagunços”, p. 332.

26 Arinos, “Os jagunços”, p. 209.

27 Arinos, “Os jagunços”, p. 209.

28 Arinos, “Os jagunços”, p. 253.

Novamente, a República aparece como a culpada pelo conflito, na medida em que não se importou com as vicissitudes do sertanejo, deixando-o à própria sorte. Implicitamente, o problema entre sertão e nação fora retomado, visto que os habitantes daquela região árida eram objetos de descaso de uma nacionalidade que parecia querer incorporar apenas a parte litorânea do país. Sem nenhum tipo de auxílio nos períodos de secas e de privações, as populações sertanejas só poderiam identificar o governo como inimigo que:

se aproximava para destruir os templos que eles ergueram no meio do deserto; para arrebatá-los os filhos e tomar-lhes aquele que, só e pobre nesse mundo, fez de sua miséria força para ajudá-los e penou com eles pelos desertos, ensinando-lhes a esperar tudo do céu, já que da terra nada tinham.<sup>29</sup>

Deste modo, não surpreende o fato de terem se colocado de corpo e alma ao lado de quem lhes dava alimento à alma e ao corpo, ou seja, do Conselheiro. Por conta disto, Gaburo defende que, quando Arinos utiliza o termo “fanáticos” para caracterizar os conselheiristas, não se deve pensar que o autor estava aderindo ao pensamento corrente da época que classificava os sertanejos de Canudos negativamente como fanáticos religiosos, loucos e desordeiros. Para o autor, o “fanático” de Afonso Arinos “está longe dessa configuração de marginalização e se volta unicamente para a adoração da figura do Conselheiro, numa adesão completa aos ideais divinos que se entendia emanar de sua figura”.<sup>30</sup>

Arinos acreditava numa influência positiva de Antônio Conselheiro sobre os homens dos sertões, pois “nenhum outro poder humano conseguiria, como ele, domar aquele povo bravio, fazer dele um grande instrumento de disciplina, extirpando-lhe ao mesmo tempo as manifestações de banditismo”.<sup>31</sup>

Na percepção do autor, Belo Monte era um paraíso de tranquilidade onde não se sabia o que era roubo e as casas não precisavam de fechaduras:

Aí chegavam às vezes, acoissados de outros municípios, criminosos de morte e outros mal-feitores. Mas não havia

29 Arinos, “Os jagunços”, p. 254.

30 Gaburo, *O sertão vai virar gente*, p. 120-121.

31 Arinos, “Os jagunços”, p. 244.

colônia correccional e nem sistema de educação para eles que pudesse equivaler ao de Conselheiro; só esse podia subjugar-los de todo e despertar-lhes algum gérmen de sentimento bom, que decerto ainda lhes morava na alma.<sup>32</sup>

Gaburo sinaliza outro ponto importante da obra de Afonso Arinos: a concepção de miscigenação do autor. Ao descrever a personagem cabocla Aninha, Arinos compreende que da mistura étnica resultaria algo novo, o mestiço, “no qual não era capaz mais de serem caracterizadas as heranças de uma ou outra descendência, agora comungadas”:<sup>33</sup>

Não era mulata, nem mameluca, nem cariboca: ali havia por força o sangue de três raças, fundindo-se num exemplar que fazia honra a cada uma: ali havia branco, índio e negro. Por isso é que a cor e os cabelos dela enganavam a gente. Quando se queria dizer que os cabelos eram lisos, notavam-se umas ondulações nas pontas; quando se queria dizer que eram finos e anelados percebia-ce-lhes, na raiz da testa, atrás das orelhas e na nuca, uma linha de fios enroscados, como essas plantinhas rasteiras e cerradas com que os jardineiros formam a barra dos canteiros.<sup>34</sup>

Arinos estava reiterando um discurso sobre a formação racial do Brasil apresentado pelo naturalista alemão Karl Von Martius (1794-1868) no *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1845. Era a ideia de que o país teria se constituído pela junção de três raças diferentes: brancos, índios e negros. Entretanto, tal posicionamento gerou vários debates na segunda metade do século XIX, devido às teorias racialistas que pregavam a degeneração do mestiço. É o caso das conhecidas afirmações de Gobineau sobre o Brasil, segundo as quais os brasileiros não passavam de um “bando” de mulatos e mestiços com compleições raquíticas, repugnantes e desagradáveis aos olhos.<sup>35</sup>

Para Arinos, no entanto, a miscigenação não parecia significar qualquer problema para os povos americanos. Em um artigo escrito para uma conferência em Ouro Preto sobre Cristóvão Colombo e a descoberta da

32 Arinos, “Os jagunços”, p. 244.

33 Gaburo, *O sertão vai virar gente*, p. 125.

34 Arinos, “Os jagunços” apud, Gaburo, *O sertão vai virar gente*, p. 125.

35 Georges Raeders, *O inimigo cordial do Brasil: O Conde de Gobineau no Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 90.

América, no ano de 1895, o escritor mineiro deixou entrever uma concepção positiva do caldeamento racial no continente:

Do outro lado, os portugueses, também peninsulares, se desenvolveram desde Cabral até João Fernandes Vieira. E uma nova raça, a africana, veio reunir-se aos dois elementos existentes — indígena e conquistador, dando lugar a um formigamento, a um pululamento de células que se vão pouco a pouco agregando, organizando-se, para formarem os grandes povos americanos no futuro.<sup>36</sup>

Destarte, podemos deduzir que Afonso Arinos não acreditava que as misturas raciais pudessem ser, de alguma forma, prejudiciais ao futuro do país, como pensavam diversos intelectuais daquele período. Tal atitude é compreensível se levarmos em consideração a afeição do autor pelo sertão e pelos sertanejos, homens, em sua maioria, de origem mestiça. Vários contos do autor são recheados de personagens negros, mulatos, crioulos, mestiços, entre outros.

Voltando à visão de Afonso Arinos sobre o conflito de Canudos, destaca-se na narrativa sobre o destino final da cidade a imagem heroica dos jagunços. O autor mostra, em vários momentos, a valentia e resistência dos sertanejos contra as forças republicanas. Para o escritor:

nunca se viu gente como aquela. Muitos daqueles jagunços, com ferimentos diversos no corpo, mal dormidos e mal alimentados, não deixavam o posto, nem mesmo para mastigarem um pouco de carne seca, que já não era muito abundante ali.<sup>37</sup>

Arinos comparava o heroísmo com uma epidemia que, em dado momento do cerco, não poupou ninguém em Belo Monte. “Todos zombavam da morte, desafiavam-na a cada instante, voltando-a, ao mesmo tempo, ao mais cruel desprezo, pois nem sequer falavam nela”.<sup>38</sup> O escritor insistiu, até o final do livro, na ideia da aparente imagem sobrenatural dos jagunços diante das tropas do governo, pois:

Aos soldados, aquela resistência afigura agora sobrenatural, porque eles não viam mais o inimigo.

36 Arinos, “Notas do dia”, p. 625.

37 Arinos, “Os jagunços”, p. 335-336.

38 Arinos, “Os jagunços”, p. 348.

Durante o dia e a noite, as bombas de dinamite estouraram no meio daquelas ruínas que davam descargas ainda. O fogo dominara toda a cidade santa, os templos estavam reduzidos a montões de pedra e, entretanto, viviam ainda jagunços, pois que matavam.<sup>39</sup>

Pode ser que, para descrever esses momentos finais do confronto bélico, Arinos tenha sido mais fortemente inspirado pelos textos de Euclides da Cunha sobre Canudos. Pois, no artigo *A Nossa Vendeia*, de 14 de março de 1897, publicado n' *O Estado de São Paulo*, Euclides da Cunha também destacou a bravura dos combatentes de Belo Monte, ao justificar a comparação com o episódio ocorrido na região de Vendeia durante a Revolução Francesa:

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O *chouan* fervorosamente crente ou o tabaréu fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.<sup>40</sup>

Tanto Arinos quanto Euclides da Cunha percebem, portanto, a resistência dos habitantes como ato de heroísmo. Todavia, enquanto, para Euclides, é um “heroísmo mórbido”, para Arinos, é um ato de bravura e coragem admirável. Como já foi destacado, a resistência sertaneja representava a afirmação do sertanejo diante da sociedade cosmopolita.

## Considerações finais

As representações de Afonso Arinos sobre a Guerra de Canudos, seja nos artigos publicados n' *O Comércio de São Paulo*, seja no romance *Os jagunços*, caracterizam-se pela idealização do sertanejo, identificado como herói, e pela crítica à República, vista como a vilã do conflito.

39 Arinos, “Os jagunços”, p. 375.

40 Euclides da Cunha, *Canudos e outros temas*, 4ª edição, Brasília, Senado Federal, 2003, p. 7. Em 1793, camponeses e artesãos da região de Vendeia, na França, profundamente religiosos e simpatizantes da monarquia, se rebelaram contra o recrutamento forçado para a Guarda Nacional da recente República Francesa. Mais de 250 mil foram mortos num dois maiores massacres da história francesa. Para maiores informações sobre o conflito de Vendeia ver José Francisco Botelho, “Vendeia: revolução contra revolução”, *Aventuras na História*, 1 abr. 2005, <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/vendeia-revolucao-revolucao-434168.shtml>, acesso em 23 mar. 2013.

De um lado, o sertanejo é exaltado como elemento perfeitamente adaptado ao clima hostil do sertão nordestino, representante de uma mestiçagem bem sucedida e símbolo de bravura e coragem. Enquanto o sertão é visto como região inóspita, seus habitantes são identificados como modelos de um amálgama eficiente do homem com o meio. As exigências da geografia os fizeram fortes e bravos, dignos de serem valorizados pela cultura nacional. De outro, o governo republicano é tido como o antagonista dos confrontos em Belo Monte. Ao não inserir os sertanejos em seu projeto de modernidade, a República foi incapaz de atender às necessidades destes indivíduos. Abandonados pelas autoridades encontram em Antônio Conselheiro uma saída para as mazelas às quais estavam sujeitos. Por conseguinte, o desconhecimento dessa realidade fez com que a alternativa encontrada pelo governo para solucionar o problema de Canudos fosse a violência e o extermínio. Não obstante, na concepção de Arinos, os episódios do interior baiano acabaram significando justamente a afirmação do sertanejo na nacionalidade brasileira. Por meio da guerra, o jagunço valente, forte, mestiço, corajoso e adaptado ao seu ambiente mostrou sua existência para a sociedade cosmopolita do litoral.

O discurso de Afonso Arinos foi fortemente influenciado pela sua posição política. Monarquista e crítico do governo republicano, o escritor mineiro tendia a ter uma posição negativa diante do projeto nacional republicano. Ademais, as ideias de Arinos também faziam parte de uma preocupação cada vez maior, por parte dos intelectuais daquele período, em conhecer e entender o interior brasileiro, explorando as potencialidades narrativas dessas regiões e trazendo-as para o debate nacional.

Por fim, acreditamos que o romance de Afonso Arinos merece uma maior atenção nos estudos sobre as representações de Canudos. Se *Os sertões* se tornou um clássico devido à genialidade de Euclides da Cunha em fazer uma análise científica e literária do conflito, *Os jagunços* deveria também ser lembrado pela habilidade de Arinos em analisar, por meio de um romance, o sertanejo, suas dificuldades, suas crenças, seus valores e seus costumes.

---

recebido em 23/03/2013 • aprovado em 31/05/2013